



FORMULÁRIO PARA RELATÓRIO FINAL

1. Identificação do Projeto

Título do Projeto PIBIC/PAIC

Dilemas e adoecimentos na relação mãe – e - filha adulta: neuroses, dominação e dependência emocional

Orientador

Raquel Almeida de Castro

Aluno

Márcia de Lorena Serra Maia

2. Informações de Acesso ao Documento

2.1 Este documento é confidencial?

SIM

NÃO

2.2 Este trabalho ocasionará registro de patente?

SIM

NÃO

2.3 Este trabalho pode ser liberado para reprodução?

SIM

NÃO

**2.4 Em caso de liberação parcial, quais dados podem ser liberados?
Especifique.**



UFAM

3. Introdução

*A figura da mãe, para uma menina,
desdobra-se em uma função materna
e em uma função feminina na medida
em que a mãe é também uma mulher.*

Zalcborg, 2003

O relacionamento entre mãe e filha é fundamental para o desenvolvimento da identidade feminina de ambas. Tal identidade, por sua vez, também interfere e modula o relacionamento entre elas. As mulheres mantêm a identificação com a mãe ao longo da vida e no relacionamento entre elas constroem o que é ser mulher (CHODOROW, 2002). Por outro lado, a mãe também se identifica com a filha e projeta seus sentimentos nela em busca de sua realização (EINCHENBAUM & ORBACH, 1983 apud DORNELAS e GARCIA, 2006). Historicamente, as mulheres são responsáveis pelo campo privado, os cuidados com a família e a perpetuação destes laços. Isto permite que a relação entre mãe e filha promova uma identificação emocional e de papéis (MOTTRAM & HORTAÇSU, 2005). A proximidade ajuda as mulheres a compreender-se, conhecer seus papéis sociais e a própria feminilidade, de acordo com sua cultura. O processo de identificação promove a similaridade entre mãe e filha. Do ponto de vista dos estudos sobre o relacionamento, a similaridade tem sido considerada como um facilitador para uma relação mais próxima, como ocorre nas amizades (HINDE, 1997 apud DORNELAS e GARCIA, 2006). De certa forma, os estudos privilegiam os efeitos do relacionamento sobre a identidade. Como a identificação afeta o relacionamento entre mãe e filha adulta merece um estudo mais aprofundado.

O relacionamento entre pais e filhos adultos representa uma área de pesquisa recente e ainda pouco investigada, especialmente em território nacional. Contudo, frente ao aumento na expectativa de vida de pais e filhos, torna-se cada vez mais relevante conhecer melhor essa relação (LUSCHER & PILLEMER, 1998 apud DORNELAS e GARCIA, 2006).

De modo particular, o relacionamento entre mãe e filha adulta tem despertado o interesse da comunidade científica internacional sob diferentes perspectivas. A relação entre mãe e filha se estende por toda a vida da mãe, sofrendo mudanças com o casamento e a maternidade da filha e a velhice e a enfermidade da mãe (YOO, 2004).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



Como em qualquer outro relacionamento, esta relação também apresenta aspectos negativos. Os relacionamentos em geral estão sujeitos a dificuldades, entre elas o conflito e a agressividade (HINDE, 1997 apud DORNELAS e GARCIA, 2006). A coexistência de sentimentos positivos e negativos é normal na relação entre mãe e filha, mas as discussões entre elas sobre os sentimentos negativos para evitar o conflito não são comuns neste relacionamento (FINGERMAN, 1995, 1996 apud DORNELAS e GARCIA, 2006). Neste contexto, as mães percebem mais os pontos de similaridades e aproximação com as filhas, que valorizam mais a relação à medida que envelhecem, buscando a proximidade materna, destacam LEFKOWITZ e FINGERMAN, 2003.

De modo geral, mecanismos de defesa podem mostrar-se tão presentes quanto sofisticados, visto tratar-se de uma relação que é cultural e socialmente duradoura. Essa relação familiar, que a exemplo do laço matrimonial tradicional repercute o clássico “até que a morte os separe” favorece o extremo esforço por parte da mãe em evitar a separação daquela a quem direciona obstinadamente seus anseios pessoais com esperanças de realização e aversão à frustração, exercendo seu poder e efetuando uma dominação sobre a filha. Por sua vez, a filha pode apresentar com frequência um estado de dependência emocional em relação a mãe, o que além de dificultar a emergência de sua identidade e autonomia, alimenta o comportamento opressivo e dominante da mãe.

Segundo GUIMARÃES, 2013, a grande questão da mulher é a separação da mãe. Para ter um futuro separado da mãe, cada menina precisará criar e inventar o seu ser mulher. Deverá produzir identificações femininas para fazer-se mulher. O problema acontece quando a separação entre mãe e filha torna-se complicada. Freud chamou atenção para esta situação e deixou claro que é daí que vem a maioria dos problemas neuróticos das mulheres. Lacan chamou de devastação esse drama de ódio e enamoramento da relação mãe-filha. Espera-se que a mãe ocupe dois lugares de identificação: o de mãe e o de mulher, e também que haja uma aceitação da mãe de que a filha é um sujeito separado, o que facilitaria o percurso dela. Assim, a menina precisa receber mais substância da mãe do que do pai para ser mulher. O complicador dessa situação é que ao mesmo tempo em que se une a mãe, necessita separa-se dela.



UFAM

4. Justificativa

As relações entre pais e filhos abrigam inúmeras peculiaridades. O universo particular no qual se idealiza que coexistam harmonicamente mãe e filha pode exibir um sistema complexo onde os conflitos se multiplicam e a busca pela identidade feminina adulta autônoma é muitas vezes negada como direito e passo natural do desenvolvimento humano.

Nos estudos psicanalíticos que tratam da mulher e da feminilidade, a relação mãe e filha encontra-se sempre presente. A complexidade desse vínculo primordial se faz presente na vida da filha adulta, como o próprio Freud observou: “Sabíamos, naturalmente, que houvera um estágio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e tão duradouro, e pudesse deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições.” (FREUD, 1976 apud GUIMARÃES 2013).

Vários textos de Lacan aprimoraram o entendimento da complexidade da relação mãe-e-filha, permitindo algum conhecimento do que é ser mulher, indo mais além do que Freud havia escrito. Como Freud ele valoriza essa relação como fundamental e enfatiza o quanto é uma relação extremamente intensa ao ponto de se fazer presente em toda a vida da mulher (GUIMARÃES, 2013).

A ligação com a mãe produz na menina profundas marcas na sua constituição enquanto mulher e que seguem por toda a sua vida. Os processos identificatórios de constituição da feminilidade passam por essa relação. É devido a esse entrelaçamento entre elas e a intensidade desse laço emocional que a dificuldade de separação fica presente (GUIMARÃES, 2013).

“A filha que ainda depende da mãe de várias formas, pode hesitar em privar a mãe do prazer que lhe proporciona; fato do qual ela mesma, filha, obtém prazer. O medo de perder o amor da mãe e, conseqüentemente, de se perder, pode impedir a filha até de tentar se separar da mãe, permanecendo sob a dominação amorosa e erótica desta.” (ZALCBERG, 2003).

O presente estudo, no entanto, não pretende apontar os responsáveis por uma relação tão complexa, tampouco estabelecer julgamentos de valores, orientando-se, à priori, para a análise teórico-psicanalítica do discurso por um caráter elucidativo, não moral.



5. Fundamentação teórica

5.1 Relação mãe-filha e a construção da autoestima

A relação entre pais e filhos e seus efeitos sobre a criança tem intrigado pesquisadores porque os pais possuem um importante lugar na vida humana. Na vida familiar, a mãe como cuidadora tem um papel mais importante do que o pai em criar filhos. Estudos empíricos também forneceram evidências. Por exemplo, os tipos de ligação com as mães demonstrou prever a qualidade dos relacionamentos futuros e a interdependência e a conexão emocional eram maiores na relação entre mãe e filha do que em qualquer outra díade. A natureza da relação mãe e filha carrega um papel determinante na vida das filhas, em seu bem-estar social e psicológico e na sua autoestima. Alguns estudos tem mostrado que a mãe desempenha o papel crucial no desenvolvimento da autoestima da filha (Greene, 1990a, b; Thornton, Chatters, Taylor, & Allen, 1990 in ONAILY & BAKER, 2013). Quando uma mãe apoia e mostra interesse nas ideias da filha, a filha desenvolve um elevado bem-estar psicológico. Filhas que tem vínculos de insegurança com suas mães no período da infância tem maior probabilidade de ter problemas psicológicos e funcionamento diminuído como transtorno reativo de vinculação, problemas de personalidade e problemas de relacionamentos interpessoais, especialmente na segunda fase da vida adulta. A qualidade da relação mãe e filha desempenha papéis importantes no desenvolvimento da autoestima (ONAILY & BAKER, 2013).

As filhas podem facilmente se transformar em espelhos, refletindo a glória para suas mães. Desta forma, é normal que existam oscilações neste relacionamento, pois mãe e filha apresentam movimentos de distanciamento e aproximação ao longo do tempo conforme Shaw & Magnuson (2004) apud Dornelas (2006). Com isso elas conseguem observar falhas, defeitos que ninguém consegue ver e a partir disso consideram-se no direito de apontar essas dificuldades uma com a outra, ocasionando vivências negativas como brigas, discussões ou vivências positivas que oferecem reflexões e aceitações. Neste contexto há a importância de perceber que o papel que a mãe está exercendo na vida da filha é essencial, isto é, reconhecer que a mesma é uma das principais influenciadoras na formação da estrutura física quanto psíquica da filha, tais como a imagem física e a autoestima. Logo, se pode dizer que cada uma contém a outra dentro de si e que há a projeção de mãe para filha, seguindo assim as gerações passadas e conseqüentemente as futuras. Contudo, salienta-se que essa relação já passou por inúmeras transformações, desde a concepção do bebê, a admiração, a imitação da criança, as comparações na adolescência e também na vida adulta. Por



fim, corrobora-se que a atuação da mãe é uma referência para que a filha construa sua própria identidade, distinguindo as semelhanças e diferenças que existem entre elas (NESI, 2010)

5.2 Ambivalência na díade mãe-filha

A relação entre mãe e filha é especialmente intensa e profunda tanto para mãe quanto para a filha, uma relação marcada por conflitos de amor e ódio. É uma das relações mais desafiadoras que a mulher pode enfrentar em sua vida, pois, inevitavelmente, confronta-se com um núcleo ativo, inconsciente, das marcas deixadas e, muitas vezes, “esquecidas” do que foi experienciado junto à sua imago materna. Numa repetição diferencial, própria ao dinamismo das pulsões e do desejo, a relação mãe-filha reatualiza, de forma singular, o enigma do tornar-se mulher. Cardinal traz à tona o nó sôfrego, “cortante”, da relação mãe-filha no qual a diferenciação coloca-se como ruptura sempre intrusa, ao mesmo tempo em que desejada. Ao saber que está grávida a mulher produz uma imagem da filho/filha antes mesmo do seu nascimento, neste universo emerge uma primeira identificação da mãe com a criança. A imagem de uma criança imaginada, produzida pela mãe antes do seu nascimento tem origem no próprio narcisismo materno; isto é, tem relação com os investimentos libidinais da mãe. Desses investimentos maternos depende a maneira pela qual a criança será acolhida logo ao nascer (SILVA & CARDOSO, 2013)

Como enfatizado pela psicanálise, o relacionamento mãe-bebê é de importância fundamental para o desenvolvimento psicológico da pessoa, visto que a mãe deve proporcionar condições básicas para promover a saúde mental da criança. A mulher atribui à maternidade muitos significados e afetos, sendo que a realização pessoal vivenciada no desempenho desse papel com sucesso e prazer influencia em sua autoestima e bem-estar emocional. Entretanto, é uma tarefa complexa do ponto de vista psicológico e geradora de angústias e conflitos, que coexistem com os sentimentos positivos que também são auferidos a partir da maternidade (De Felice, 2006 in VALDANHA & SANTOS, 2014). De acordo com Gaspar (2005) in VALDANHA & SANTOS, 2014, a relação primária da paciente com a figura materna influencia o seu modo de funcionamento intrapsíquico, ou seja, sua maneira de se relacionar com o outro e consigo mesma. (VALDANHA & SANTOS, 2014)

Sabe-se que muitas das dificuldades que os indivíduos encontram em seus relacionamentos com os outros e consigo mesmos são reflexo do desenvolvimento da fase inicial da vida. Na medida em que a mãe é a base e a referência para criança, ela ocupa o papel de principal agente no desenvolvimento e construção da identidade da criança. Mãe e filha vivenciam uma relação única e intensa. Fato que talvez possa ser atribuído à semelhança biológica e psicológica entre as duas.



Adicionalmente, é comum encontrar mulheres que mantêm uma relação ambivalente com a figura materna, uma relação de verdadeiro amor e ódio (CAMPELO, 2010)

A manutenção dos laços e cuidados familiares tem sido historicamente responsabilidade das mulheres, e a proximidade entre mãe e filha é fonte de identificação emocional que ajuda a mulher a compreender-se e a conhecer seus papéis sociais e a própria feminilidade, conforme cada cultura. Hoje se observa uma grande proporção de famílias uniparentais mantidas por mulheres, com o aumento da participação econômica da mulher na geração de renda e no consumo. Vive-se uma crise no papel tradicionalmente desempenhado pelo homem na sociedade e na família, com uma multiplicação das atribuições e possibilidades identificatórias da mulher, ao menos em termos de oferta. Neste contexto, torna-se fundamental refletir sobre a complexidade e especificidade vincular da díade mãe-filha. Na medida em que a filha busca a autonomia, realizando um desejo que também é da mãe, se afasta e se diferencia dela. Com isso, a mãe pode não mais reconhecer-se na filha, e passar a vê-la como algo estranho e ameaçador, e a filha, então, perde a envoltura do olhar materno, que nutriria de sentido seu crescimento e expansão. Fica uma dupla mensagem: “Cresça, torne-se independente”, mas, ao mesmo tempo: “Não me abandone, não se afaste do que sou”. A ideia de autosacrifício e doação ligada à maternidade, em contradição à demanda de satisfação, vaidade e autonomia da mulher contemporânea, parece cobrar mais intensamente da menina uma dívida, na medida em que ela própria se torna mulher e necessita de uma identificação feminina. Ficar presa nessa teia pode implicar em anulação da própria subjetividade, enquanto tentar pular fora dela ameaça um laço essencial à constituição do seu sentimento de existir e pertencer (SMITH, 2010).

Na ausência de oportunidades para as mulheres estabelecerem identidades sociais independentes como indivíduos, mães e filhas foram trancadas em relacionamentos de submissão e dominação psicológica que penalizou ambas as partes igualmente e as privou de reconhecerem uma a outra como seres autônomos com desejos separados.

5.3 A difícil tarefa de ser diferente

As famílias repetem padrões ao longo de sua história, como forma de manter a estabilidade, protegendo-se de desvios e mudanças, o que pode ser positivo quando seus membros conseguem ser flexíveis e criativos, abertos à troca com o meio, buscando maior qualidade de vida (REIS E RABINOVICH, 2006).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



UFAM

O relacionamento entre mãe – filha durante o período de transição da juventude à vida adulta diz respeito à interação entre ambas, tanto no que se refere a como cada uma concebe o significado desta relação quanto às questões que advêm da cultura da família. (REIS E RABINOVICH, 2006).

À jovem que manifesta o desejo de independência, sobrepõem-se condições impostas pela família e por seu meio. Haveria uma tendência a se predestinar o caminho das filhas, como se estas não pudessem ter alternativas fora do horizonte doméstico, ou que não correspondessem às expectativas de suas mães ou avós, e a concepção de um destino infeliz se não seguirem tal predestinação. Eliacheff e Heinich in REIS E RABINOVICH, 2006 identificaram questões pertinentes a este vínculo a partir de três eixos: o das posições da mãe; o das relações mãe – filha; e o temporal das idades, que situa o momento de vida da filha. O risco nestes vínculos é a presença de situações em que um fator extremo determina a forma como a relação se constrói. Algumas atitudes maternas podem ser mais valorizadas do que outras; por exemplo, mães super-cuidadosas tendem a ser socialmente mais aceitas, o que minimiza os riscos decorrentes deste tipo de vínculo quando, em nome de um zelo, limita-se a capacidade da filha de expressar seus próprios desejos e conquistar sua autonomia. Da parte das filhas, dificilmente confrontam ou questionam as intenções de mães tidas como “quase perfeitas”. Nessa dimensão do cuidado, aparece também a situação de cumplicidade que sinaliza, na sociedade moderna, a confusão entre o papel de mãe que deve ser figura de autoridade, daquela que é amiga e cúmplice da filha, gerando o equívoco da mãe que tem a pretensão de substituir o papel que deveria ser ocupado pelas amigas da filha. Em outro extremo, desponta o exemplo da mãe dominadora que, com a intenção de proteger a filha, acaba por se apossar de seus pensamentos e desejos, impondo um modelo ao qual a filha deve se conformar. A relação entre ambas pode ficar ainda mais comprometida quando há a ausência de um terceiro, o que diz respeito também à ausência de uma autoridade paterna, o que interfere no processo de diferenciação e identificação destas jovens, favorecendo a onipotência materna (REIS E RABINOVICH, 2006).

De acordo com Jensen 2011, as mães aspiram por suas filhas serem exatamente como elas, que sejam “obras primas” criadas pela mãe, e mais, propriedades das mães. Esse reflexo, ela mantém com a ideologia do individualismo que posiciona o reconhecimento da mesma e de outras como sujeitos com desejos e características distintos. Como nem as mães nem as filhas possam decretar ambos, reflexo e individualismo porque são inerentemente contraditórias, elas mergulham em uma luta psicológica de poder.

A relação mãe-filha é a mais evidente, importante e a mais próxima relação entre pais e filhos em termos de intercâmbio através do curso da vida. Como diz um antigo provérbio “Filhos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



permanecem filhos até o dia que arrumam uma esposa, filhas permanecem filhas para sempre.”
(BALTES, 1994 in MOTTRAM, 2003).



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



6. Objetivos

6.1. Objetivo Geral

- Investigar nos discursos de mulheres adultas as suas representações sobre a maternidade e a correlação desta com a sua figura materna a partir de uma análise psicanalítica.

6.2. Objetivos Específicos

- Compreender a partir do relato da história de vida como se constituíram os vínculos entre mãe e filha e a expressão atual dos mesmos.
- Identificar nas histórias de vida os tipos de sentimentos e dificuldades relacionais experimentadas pelas filhas em relação a suas mães.
- Buscar os mecanismos de defesa e idealizações manifestos pelas participantes em relação às figuras maternas em contraposição aos outros vínculos vivenciados.



UFAM

7. Metodologia

O presente estudo dispõe-se a fazer uma análise comparativa do discurso narrativo de três mulheres adultas, solteiras, sem filhos, que residam e apresentem relações conflituosas com suas respectivas mães, segundo a abordagem Psicanalítica, buscando identificar possíveis problemáticas, e os mecanismos de defesa utilizados pelas mesmas para justificar as dificuldades e dilemas que ora enfrentem nesse convívio, bem como as representações maternas que emergem dessa dinâmica relacional permeada por sentimentos paradoxais. As participantes serão abordadas na Faculdade de Psicologia/ UFAM e os depoimentos serão obtidos através da utilização da história de vida narrada pelas entrevistadas, sendo a pesquisa consubstanciada na abordagem qualitativa de pesquisa.

Pesquisar em Psicanálise significa ir além do objeto de estudo como este é apresentado, orientando-se pelo referencial teórico do pesquisar e pelo modelo de escuta analítica. A transmissão do saber em Psicanálise não ocorre de maneira direta, mas através de uma construção teórico-prática de cunho subjetivo. “O trabalho acadêmico deve, assim, levar a interrogação teórica até um ponto de obstáculo ou até certo ponto onde um obstáculo pode ser vislumbrado. Esse ideal científico há de estar no horizonte” (PINTO, 1999, p. 76 apud MEZÊNCIO, 2004).

Na pesquisa qualitativa a investigação interfere no objeto a ser investigado e, por isso, não há neutralidade daquele que a executa. A partir da interação, o investigador age sobre o objeto que pretende estudar, sendo assim, é preciso considerar as influências tanto diretas quanto indiretas, conscientes e inconscientes, do pesquisar sobre a própria pesquisa (REY, 1998 apud PINTO, 2005).

Após a transcrição das entrevistas, os discursos serão avaliados e comparados entre si, por intermédio da Análise de Conteúdo, que, através de um conjunto de procedimentos visa descrever sistemática e objetivamente o conteúdo das mensagens investigadas através da análise da narrativa oral.



8. Resultados e Discussão

A partir dos relatos de história de vida das voluntárias foram identificadas 7 (sete) categorias de análise, sendo estas a Representação da figura materna, a Relação com a figura paterna, Os mecanismos de dominação, A imposição da dependência, A contradição de sentimentos, Os efeitos emocionais da relação com a mãe, A necessidade de resolução. Essas categorias estão intimamente relacionadas à jornada da mulher até que chegue à vida adulta e onde seus conflitos com a figura materna tendem a intensificar-se em virtude da necessidade de construção da identidade que só é possível a partir da relação com a mãe e pela busca da autonomia que depende do distanciamento dessa figura.

Para cada categoria foram destacadas duas falas das entrevistadas e essas representações relacionadas à Teoria Psicanalítica com base na obra “A relação mãe e filha” de Malvine Zalcberg, 2003.

Segundo Malvine Zalcberg, 2003, ao conjunto de vivências em torno das dimensões essenciais de vida/ morte e amor na existência da criança se dá o nome de onipotência materna. O poder da mãe terá de ser regulado pela interferência de um terceiro elemento, a ser exercido pela função mediadora do pai na relação exclusiva mãe-criança. O futuro da criança depende da interferência simbólica do pai e da disposição da mãe de aceitá-la, a evitar que a criança permaneça totalmente imersa e alienada no universo materno. Da possível separação da criança com o mundo da mãe como o Outro primordial — o Grande Outro — depende seu futuro desenvolvimento. A operação de separação, como segundo processo de constituição da subjetividade, resulta a criança tornar-se sujeito na plena aceção do termo. É assim que Lacan define a separação: “como algo que deve engendrar-se; pôr-se no mundo”. É particularmente complexo o modo pelo qual uma mulher engendra-se, põe-se no mundo, isto é, separa-se de sua mãe.

Uma relação harmoniosa entre mãe e filha, ambas adultas, é resultado de uma travessia a que as duas tenham se predisposto e conseguiram empreender com sensibilidade e delicadeza em determinado momento de suas existências. Não é uma conjuntura naturalmente dada e deve-se a um percurso realizado: a aceitação de uma perda.

8.1. Representação da figura materna



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



Nesta categoria de análise foi observado nos discursos o valor e a importância à presença da mãe nas etapas da vida e do desenvolvimento psicossocial da filha, ficando evidente a necessidade do apoio e do comprometimento da mãe para com a filha. Como relatado por A.G.V.C.:

“eu não tenho memórias, não tenho muitas memórias com a minha mãe na infância é meio complicado te contar essa parte. Eu lembro que a gente sempre mudava muito de babá, de empregada e elas é que ficavam comigo na maior parte do tempo, e a minha irmã também, a B., eu tenho mais essa imagem dela comigo, cuidando, me fazendo comer, dando bronca, essas coisas eu tenho mais essa imagem com ela, não tenho essa imagem da minha mãe. Eu acho que eu comecei a ter maior contato com a minha mãe quando eu tava no colégio e ela vinha me buscar, e isso eu já tinha uns 11, 12 anos por aí, mas ainda assim era meio estranha a nossa relação”.

Nota-se a clara transferência desse afeto para a irmã, mais velha e já desempenhando o papel de mãe e que em parte assumiu a tarefa de ser mãe da própria irmã. De forma semelhante ocorre no discurso de S. M. F.:

“Eu considero que minha mãe foi um pouco ausente devido ao trabalho e eu convivia mais com meu pai porque depois do trabalho ele que ficava à noite em casa, ela tirava mais plantão, né, e eu não me recordo de sentir essa falta dela... eu vim sentir falta dela assim, perceber que ela era mais ausente por volta dos 9 ou 10 anos. Mas dos meus 2 ao 6 anos, o que eu me recordo é que ela era muito carinhosa dentro do possível, que ela podia no fim de semana, nunca deixou de me levar pra canto nenhum, me incentivou a fazer as atividades que eu queria...”

No entanto, neste caso, a ausência materna foi inicialmente suprida pelos cuidados e dedicação do pai na criação da filha.

De acordo com Zalcberg, 2003, faz parte da estrutura da relação mãe-filha a menina ficar envolvida na presença amorosa e sexual da mãe enquanto mulher. A filha tem de buscar uma solução para o enredamento originado na dominação que a sexualidade da mãe exerce sobre ela. Pela resolução desse envolvimento com a sexualidade da mãe, a filha estabelecerá a constituição de uma identificação feminina para ela própria. Estudar esse envolvimento da menina com a mãe, com seu corpo, desejo e gozo específicos, permite que se avance quanto ao alcance da conclusão de



Freud, 1931: “A via de desenvolvimento da feminilidade mostra-se possível para uma menina na medida em que não é impedida pelo que resta de sua ligação pré-edípica com a mãe, esta tendo sido resolvida”.

Trata-se aqui de aprofundar essa questão retomada por Lacan através da concepção de resto deixado pela metáfora paterna na vida de uma menina. É para a mãe, ensina Lacan, que a menina deve voltar-se para elaborar os vínculos que a prendem à mesma, na medida em que ambas têm uma parte mergulhada no campo mais-além do falo: o campo da especificidade feminina. Nesse domínio do mais-além do falo é que, para além das injunções maternas expressas por seus desígnios simbólicos e imaginários, desenvolvem-se importantes elos entre mãe e filha. As meninas emaranham-se desde cedo na sexualidade da mãe e esta, através da filha, experimenta muitas vertentes de sua própria sexualidade. Esta às vezes se manifesta na sexualidade da filha como retorno do recalcado.

Há filhas que nunca se casam inteiramente, tão compromissadas estão com a relação estabelecida com suas mães. Não estaria essa condição na base da formulação de Freud de que algumas mulheres nunca se voltam para um homem? Embora não estivesse claro para ele como a tirania da ternura excessiva da mãe poderia impedir o curso do desenvolvimento sexual da mulher, ele reconhecia que a mulher chegava a afastar-se da sexualidade em geral (1931) ou a renunciar à feminilidade. Essa ligação da dificuldade de separar-se da mãe e do impedimento de aceder à feminilidade se expressa com frequência na relação mantida por uma mulher com um homem. Ela aponta para uma possível indistinção na mulher entre dois gozos: o obtido na relação com o homem daquele que a liga à sua mãe. Assim, a mulher pode ficar dividida entre esses dois imperativos na sua vida erótica. É um caminho que toda filha deve percorrer enquanto mulher: ter acesso a prazeres sexuais diferentes dos que a prendiam à sua mãe. A filha que ainda depende da mãe de várias formas, pode hesitar em privar a mãe do prazer que lhe proporciona; fato do qual ela mesma, filha, obtém prazer. O medo de perder o amor da mãe e, conseqüentemente, de se perder, pode impedir a filha até de tentar se separar da mãe, permanecendo sob a dominação amorosa e erótica desta (ZALCBERG, 2003).

8.2. Relação com a figura paterna

Dois aspectos foram destacados nessa relação, a ausência do pai no primeiro discurso e a atitude distanciada, incompreensiva, no segundo. A. G. V. C. relata:



“Ah meu pai é outro assunto meio delicado. Meu pai eu não vejo desde que eu tinha 4 anos. Ele saiu da minha vida assim (estala os dedos)... eu tenho só alguns flashes de ele me levando pra tomar sorvete quando eu era criança, só isso. Depois dos 4 anos nem ligação no dia do meu aniversário. Só pagava a pensão, o colégio... era essa a presença dele....”

S.M.F. relata que:

“O meu pai reagiu muito mal quando descobriu que eu sou gay, passou tempos sem falar direito comigo, né, porque é militar e não aceitava e... mas depois ele começou a mudar, não sei se chegou a me entender, mas passou a não interferir nas minhas decisões”.

Em ambos os discursos identificamos graus diferenciados de abandonos, mas de forma equivalente o descumprimento do papel de pai na importância de conduzir ao afastamento sadio de mãe e filha, favorecendo assim a individuação da filha para que esta possa alcançar sua autonomia como mulher, não para apartar-se absolutamente da figura materna, mas apenas para que se esvaia a opressão de permanecer subjugada ao título de apêndice embrionário.

Freud não se deu conta desde o início da importância da mãe no destino da mulher. O papel fundamental da figura materna na vida da filha foi se revelando à medida que avançavam seus estudos sobre a questão da sexualidade feminina (ZALCBERG, 2003).

Apesar de em 1905 ele já considerar a mãe o primeiro objeto sexual para os dois sexos, em função “de o seio materno ser paradigmático para todo vínculo de amor”, desconhece o alcance dessa sua descoberta. A profunda impressão causada por seu encontro inicial com suas pacientes histéricas nas quais reconhecia forte vínculo com a figura paterna levava-o a privilegiar o lugar do pai, mais do que o da mãe, na existência de uma filha.

Para toda menina, o Édipo se baseia na promessa edípica de “receber uma criança do pai”. Essa criança esperada do pai na evolução de seu Édipo só pode ser simbólica; é uma esperança que, embora impossível, deve ser mantida ao longo de um processo, até que a menina possa renunciar a essa demanda.

Zalcborg, 2003 ressalta que para Freud, se no menino a angústia de castração motiva o abandono tanto da mãe quanto do pai como objetos de amor (porque em ambos os casos implicava



castração) a falta da angústia da castração motiva a dificuldade da menina de elaborar seu Édipo. Deste, ela sai lentamente ou nunca chega realmente a sair: “A menina pode refugiar-se na situação edípica como num porto e nunca mais deixar o pai”, diz Freud em sua conferência de 1932. Mas ele descobrirá que atrás da relação intensa estabelecida por uma menina com o pai há uma relação intensa vivida com a mãe, anterior. É essa história pré-edípica da menina com a mãe — história que não ocorre com o menino — que em grande parte determina seu futuro como mulher.

Ao mesmo tempo em que Freud reconhece que a relação edípica é estrutural para todos os seres, reconhece que, para a menina, tanto a relação com o pai (edípica) quanto a relação com a mãe (pré-edípica) nunca é verdadeiramente eliminada no complexo edípico de uma mulher (ZALCBERG, 2003).

Para Freud, no momento inicial de elaboração da questão da separação da menina de sua mãe, trata-se de atribuir o motivo desse afastamento ao fato de a mãe ser responsável por “tê-la colocado no mundo tão pouco aparelhada”, isto é, sem pênis. Em 1931, Freud será ainda mais enfático: “uma menina ressent-se de a mãe tê-la trazido ao mundo como mulher”. A mãe, por sua vez, em sua fantasia, não se recrimina menos por tê-lo feito, isto é, ter dado à luz uma menina, motivo, inclusive, de hostilidade em relação à filha, como talvez antes, tenha sentido da mãe por ela. Compreende-se a função simbólica do pai: a de separar a menina de sua mãe. Freud procurara, por muito tempo, explicar a passagem da menina pelo Édipo, formulando-a apenas do ângulo da relação da menina com o pai. Após suas reformulações a respeito da sexualidade em 1925, ele compreendia ser preciso considerá-la, essa passagem, também pelo ângulo da relação com a mãe. Foi o que constituiu o centro de suas elaborações finais a respeito da sexualidade feminina (ZALCBERG, 2003).

No entanto — e isso Freud deixou bem claro — a relação de uma menina com o pai lhe dá estrutura como sujeito, aspecto que Lacan desenvolverá extensamente em seu ensino, em seguida, através de seu conceito de metáfora paterna. Portanto, é fundamental compreendermos a maneira pela qual Freud elabora a incidência da figura paterna na subjetividade de uma filha. A obra de Freud deixava subentender o que futuros desenvolvimentos da psicanálise confirmarão: que a identificação viril, resultante da ligação da menina com o pai, não leva a uma completa resolução do Édipo feminino. Essa identificação, embora estruturante, só dá à menina uma identificação masculina e não uma identificação especificamente feminina (ZALCBERG, 2003).

8.3. Os mecanismos de dominação



Os mecanismos de dominação podem se expressar através de gestos que mais parecem a dedicação de uma mãe zelosa e amorosa e, talvez, por essa razão se apresentem ainda mais eficazes. No relato de P.S.S.:

“a mamãe sempre teve um olhar de que eu fosse conseguir tudo aquilo que ela não foi capaz, desde criança foi, estudando, me cobrando, mas ao mesmo tempo nessa cobrança, ela sempre fazia de tudo pra eu andar bem, mais arrumadinha, ter o melhor material, ser sempre aquela criança que tivesse algo a mais, mas ao mesmo tempo, ela largava um pouco o lado materno e cobrava de uma forma muito severa.”

Podemos observar que a mãe deseja impor à filha a responsabilidade de sua realização pessoal. Já no discurso de S.M.F.:

“Aí eu acho que isso se deu por causa da superproteção dela, por exemplo, ela me vestiu até os 14 anos de idade, ela escolhia minhas roupas até os 14 anos de idade.”

Nota-se o controle exercido pela mãe em continuar tomando as decisões, desde as mais simples, pela filha.

Para Malvine Zalcberg, 2003 o fato de a mãe poder atender às necessidades tanto biológicas quanto amorosas da criança constitui um dos motivos pelos quais a mãe é elevada à categoria do Outro. O que impera é seu poder: suas respostas constituem lei ou regulamentos, suas demandas são mandamentos, seus desejos são desígnios. Quanto mais uma criança viver sua mãe sob a chancela de seu poder de doação, mais ela é vivida como potência de dar a vida e, paralelamente, maior é sua potência de dar a morte, além de amor.

A filha que ainda depende da mãe de várias formas, pode hesitar em privar a mãe do prazer que lhe proporciona; fato do qual ela mesma, filha, obtém prazer. O medo de perder o amor da mãe e, conseqüentemente, de se perder, pode impedir a filha até de tentar se separar da mãe, permanecendo sob a dominação amorosa e erótica desta.

8.4. A imposição da dependência



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



UFAM

Ao analisar os discursos de P.S.S. e de A.G.V.C.: notamos um misto de desconforto e de resignação com a condição de estar ainda na vida adulta sob a tutela da mãe. Contudo, essa confusão de sentimentos, embora possa levar a um adoecimento na relação com a mãe, não é injustificada visto que ao longo do nascimento desse relacionamento espera-se que a mãe tenha também a consciência de que existe um ser que dela, de fato, depende. P.S.S.:

“eu faço o que eu posso por ela... eu tento fazer tudo. Quando eu chego do trabalho eu faço o almoço dela pro outro dia, eu limpo o quarto dela, eu tento ser carinhosa, eu tento fazer umas surpresas pra ela... mas pra ela, nunca é o suficiente, nunca é o bastante.” - “no início, minha mãe chorava muito quando eu dizia que eu queria ir embora. Hoje, ela diz: “Vai, vai, que eu já não aguento mais”. Teve um tempo, quando eu comprei esse carro agora, o carro novo, como o carro está no nome dela ela dizia: “Vai, mas você não vai levar o carro”. Aí foi no dia que eu falei pra ela “eu vou levar o carro, o carro é meu, eu que to pagando, eu vou entrar na justiça contra a senhora, tá no seu nome mas eu que pago” e ela “entra, que eu acabo com tudo o que tu tem”, tipo uma chantagem emocional ...”

A.G.V.C.:

“É, enquanto eu não tenho família eu sou a filha dela...”

Para abordar os esclarecimentos introduzidos por Lacan no exame dessa relação específica entre mãe e filha, Zalcberg, 2003 escolheu desenvolver as duas operações consideradas por ele constitutivas do ser humano: a alienação e a separação. Alienação é a operação do primeiro momento: significa que a criança, ao nascer, encontra-se em uma condição alienada, totalmente dependente do mundo de significação e de desejo de um outro, no caso, a mãe. A esse tempo inaugural deve seguir-se um segundo, que introduza uma primeira separação entre a mãe e a criança e possibilite a esta sair da posição de total submissão ao mundo do outro materno.

Dessa articulação alienação-separação e de futuros desenvolvimentos que ela conhecerá depende a constituição do ser humano formar-se em uma das três categorias clínicas reconhecidas pela psicanálise: neurose, psicose e perversão. A psicose é o caso extremo da falha na separação com o outro materno, por isso, o psicótico permanece alienado no mundo do desejo de um outro. Embora a articulação alienação-separação seja básica na constituição do sujeito nos dois sexos, constata-se ela apresentar modulações peculiares no caso da mulher. Pela ligação particular que a



filha desde menina estabelece com a mãe, ela mais facilmente continua, de certa forma, alienada no desejo da mãe. É essa espécie de alienação ao desejo do outro materno que traz dificuldade para uma filha separar-se da mãe, erigindo um desejo próprio, podendo ser dito seu (ZALCBERG, 2003).

Para construir o processo de alienação que pressupõe um outro na existência da criança, Lacan volta-se para a experiência da satisfação descrita por Freud desde um texto inaugural de sua obra: “O projeto”. O grito da criança, diz este, teria o sentido de um suposto apelo ao outro — “essa pessoa experiente atraída para o estado em que se encontra a criança” — para que realize uma ação que ela mesma não consegue efetuar: a de dar fim à tensão corporal sentida. Essa concepção de manter o nível de tensão constante está de acordo com a posição freudiana de que a criança não pode escapar dos estímulos internos, como fome e sede, que aumentam o nível de tensão no aparelho psíquico. Evitar o aumento do nível de tensão no aparelho psíquico é a base do princípio de prazer freudiano; qualquer aumento de tensão no aparelho psíquico geraria desprazer.

A criança é, portanto, totalmente dependente de outro para realizar ação adequada à satisfação de sua necessidade, condição a tornar o outro de importância ímpar em sua vida. É o único começo possível e Freud deu a essa condição do ser humano um nome: desamparo. A ideia desse desamparo inicial, associada à dependência extrema da criança de uma outra pessoa, é uma referência constante na obra freudiana (ZALCBERG, 2003)

8.5. A contradição de sentimentos

Sentimentos contraditórios podem acometer a filha no curso de sua relação com a mãe, especialmente se, de alguma forma, algum tipo de ausência materna leva a filha a sentir-se injustiçada ou desfavorecida. No relato de P.S.S.:

“Por isso o atrito. Porque ela não se metia. Meu pai, ele não tolerava nem que na hora do jornal eu estivesse no chão com a minha irmã, conversando, ele mandasse calar a boca, eu me revoltava... eu nunca aceitei... eu já tinha uma visão bem madura na época, pra minha infância. Eu dizia “mas ele não pode falar assim, ele não pode agir dessa forma”. E nesse falar eu sofria as consequências: era um tapa no meio da cara, era um murro... e ela não se metia. Aí é que ficava o problema porque eu me revoltava não era com ele, não, era com ela. E é por isso talvez, esses



impasses, dessa confiança meio quebrada que eu tenho com ela. Eu amo a minha mãe. Mas eu tenho um pé atrás com ela muito grande, eu não confio nela inteiramente.”

Podemos verificar a perda da confiança e da segurança na figura materna em função da submissão da mãe ao marido. A.G.V.C. relata que:

“Ah era complicado porque ao mesmo tempo que a gente tinha essa coisa de brigar muito, ao mesmo tempo eu também sentia uma falta dela e ela também sentia a minha, minha mãe é muito dependente também. E aí ela ficava meio assim, porque ela me fazia sentir mal, ela usava muito de chantagem emocional comigo... ela faz isso demais... “ah todo mundo diz que tu não gosta de mim, que tu é uma péssima filha, porque tu não quer estar comigo” e essas coisas, “tá bom mãe”. Aí logo aparecia algum conflito e eu já ia pra outro lugar e ela voltava pra Manaus e é sempre assim, a gente nunca consegue ficar em paz por um bom tempo, é complicada essa parte”.

Em sua fala é possível verificar a luta travada pela filha que deseja o convívio e a proximidade com a mãe mas não sabe como se ligar a essa estranha.

O vínculo com a mãe revela-se o verdadeiro núcleo de neurose da filha. A dificuldade da filha de afastar-se da mãe explicaria a expressão de uma ligação profunda entre ambas e o resultante ressentimento por essa relação exclusiva da qual a filha não consegue se desentranhar. É compreensível que Freud considerasse a relação intensa da menina inacessível à análise tal qual uma civilização arcaica soterrada sob a civilização moderna. Da terna submissão até as reclamações impiedosas, os conflitos de mães e filhas parecem excessivos. Freud salienta o quanto “primeiros investimentos de objeto são em geral ambivalentes em alto grau; junto ao amor intenso está sempre presente uma intensa inclinação agressiva, e quanto mais apaixonadamente a criança ama seu objeto, tanto mais sensível se tornará para os desenganos e recusas de sua parte”. A relação da menina com a mãe, da qual Freud nos revela aspectos problemáticos, tem efetivamente todos os traços de uma relação passional na qual elas não conseguem encontrar saída a não ser, em muitos casos, em termos de ruptura (ZALCBERG, 2003).

8.6. Os efeitos emocionais da relação com a mãe



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



UFAM

Nesta categoria encontra-se um processo delicado de projeção e superposição, onde instala-se uma dificuldade de relacionamento da filha não com a mãe mas com o mundo. Este mundo do qual a mãe deseja ao mesmo tempo resguardar a filha e no qual ela mesma desejaria uma nova oportunidade se imergir. Para tanto, é na filha que vê a possibilidade equivocada de refazer, agora com perfeição, os seus próprios passos na vida. Podemos constatar isso na fala quase idêntica das entrevistadas. A.G.V.C.:

“Ela não me deixava interagir com as outras crianças, me deixava muito tempo presa em casa. Eu me tornei uma pessoa bem antissocial nesse sentido. E isso foi afetando na minha vida, eu fui mudando, eu fui ficando mais na minha, reservada. Hoje poderia ser diferente, eu diria que isso me atrapalhou muito. Quando eu cheguei no colégio, no Dorotéia, quando eu comecei a estudar, eu era muito, muito bloqueada pra fazer amizade, eu demorei anos pra ser assim mais extrovertida, eu era muito na minha ...”

E S.M.F.:

“mas ela era superprotetora... aí eu acho que isso me tornou uma criança um pouco tímida, na rua eu era muito tímida e em casa muito extrovertida...”

Segundo Zalcberg, 2003 o olhar da mãe produz o narcisismo primário na medida em que inventa um eu infantil perfeito; a este, a criança pode amar. O eu ideal, deslocado sobre a imagem que corresponde à adequação ao que a mãe espera da criança, diz muito da descoberta de Freud: de certa forma ama-se um duplo, um outro no qual nos reconhecemos ou queremos nos reconhecer. A criança terá ainda de constatar não ser ela amada, mas uma certa imagem, mais precisamente a imagem narcísica da mãe. Em seu texto sobre narcisismo, Freud desenvolve essa ideia: uma parte do corpo da mulher confronta a criança que ela carrega como um objeto estranho, ao qual, a partir do seu próprio narcisismo, ela pode então oferecer um amor de objeto completo.

A mãe atribui todas as perfeições à criança imaginária em função de certos traços de seu narcisismo. O amor entre mãe e criança é sempre mútuo. O investimento libidinal postulado por Freud como aquele que permite a transfusão da libido do corpo para um objeto favorece a superposição da imagem idealizada que temos de nós mesmos com a imagem que queremos encontrar na criança; essa imagem só poderá ser idealizada também. De uma forma ou outra os



filhos farão os pais percorrerem diferentes etapas do próprio percurso subjetivo em função do que a relação pais-filhos não se declina sempre em termos de alteridade. A criança continua sendo, imaginariamente, parte de nós mesmos (ZALCBERG, 2003).

Uma parte que guardamos como refém e que vamos nos esforçar em forjar à nossa imagem, à imagem que secretamente cultivamos e que lamentamos não termos conseguido alcançar para e por nós mesmos. E o que queríamos alcançar senão uma resposta imaginária ao próprio anseio de nossos pais? O que não conseguimos realizar, nossos filhos o farão por nós. Freud o constatou em seu texto sobre o narcisismo: cabe à criança satisfazer todos os sonhos de realização dos pais que estes não conseguiram por eles mesmos. Freud expressou esses sonhos de realização em termos imaginários correspondendo ao seu tempo, mas estes servem metaforicamente até hoje: o menino tornar-se-á um grande homem e um herói em vez de seu pai e a menina casará com um príncipe, como compensação para sua mãe (ZALCBERG, 2003).

Mas é à filha, não sabia Freud, que a mãe reserva um aspecto mais amplo, que é o de retrair o perfil da própria vida como um todo. Mais ainda do que no caso de um menino, há uma certa apropriação narcísica abusiva da mãe em relação a uma menina. Essa apropriação por parte da mãe na vida de uma filha não deixa de ser um abuso identificatório; a menina sendo colocada pela mãe em um lugar que não é o seu, isto é, destituída de sua própria identidade exatamente por quem supostamente é responsável por ajudar a filha a construí-la (ZALCBERG, 2003).

8.7. A necessidade de resolução

Por quanto possa haver conflito na relação mãe e filha sempre prevalece o desejo de que este seja pacificado, tal é a especificidade desse laço que hora uni de maneira gentil e no outro momento se compara às grades de uma prisão. Em seu discurso A.G.V.C. deixa claro esse desejo e mostra o quanto pode ser doloroso o caminho até uma resolução que é fundamental:

“Porque eu queria ter uma relação maior com a minha mãe de amizade assim, mas eu tenho muita vergonha de estar com a minha mãe por exemplo... é meio estranho mas eu não consigo me abrir com a minha mãe sobre muitas coisas da minha vida e eu tenho certeza que ela também fica meio constrangida se eu chegar pra ela e quiser ter um contato maior com ela, falar coisas pessoais íntimas minhas”

Ao mesmo tempo podemos observar também em seu discurso:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



“Em primeiro lugar quero ser bem diferente dela. Eu quero estar mais presente com meus filhos, quero saber como estão indo na escola, quero saber se está bem, quero estar perto em todos os momentos possíveis e eu quero ter uma relação mais amiga com eles, não uma relação autoritária. Até nisso a minha mãe conseguiu falhar, ela não tem o meu respeito.”

A.G.V.C. vislumbra na relação com os filhos que um dia terá o modo clássico de resolução que é transferir a problemática para a geração futura esquematizando os devidos comportamentos e atitudes em função da desejada não repetição, completando assim um ciclo. Já na fala de S.M.F.:

“...em relação ao nosso relacionamento quando eu morava em outro Estado é... a nossa relação melhorou bastante com a distância, bastante, bastante mesmo... me fez ter vontade de voltar pra resolver uma série de problemas em relação a ela que eu percebi que não iam poder ficar assim, porque ia acabar trazendo danos pra mim no futuro, sabe... e ela melhorou muito desde quando eu fui embora e voltei, muito mais aberta e consciente e consegue conversar comigo em relação às coisas e escuta mais e parou um pouco de tentar me empurrar certas demandas dela.”

Revela-se uma filha comprometida com o vínculo materno e que não mede esforços para que essa relação seja bem sucedida, evidenciando um trecho da obra de Malvine Zalcberg, 2003 que reflete sobre a partida dizendo: “quem retorna, na realidade, nunca partiu”. Mas também faz emergir a dúvida de se as filhas verdadeiramente tem a opção de partir.

Inicialmente, a demanda de amor da criança se expressa na dialética entre a presença e a ausência da mãe: a presença da mãe é vista como prova de amor, enquanto sua ausência é considerada uma perda de amor. Como a filha depende do amor e de outros investimentos libidinais da mãe em relação a ela, manterá, mais do que o filho o nível de demanda à mãe. Se a demanda não satisfeita deve abrir espaço para o desejo, compreende-se que a persistência da demanda na mulher dificulta-lhe o acesso ao desejo. O amor de uma mãe por sua filha funde-se facilmente com o amor que ela tem por si mesma. Sob a chancela da sanção social do amor da mãe por uma filha que favorece exercer sobre a mesma, um grande poder, produzem-se situações desestruturantes para a filha. Quando, por dependência do amor materno ou por culpa por não poderem afastar-se de uma mãe tão devotada, a filha consola-se em, identicando-se com a mãe, exercer, por seu turno, o mesmo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



poder sobre sua filha, um dia. A relação de uma mãe com sua filha guarda sempre uma marca da sua relação com a própria mãe (ZALCBERG, 2003).



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



9. Conclusão

Entre a racionalização e a esquiva da realidade abriga-se, nas relações mãe-filha dessas três voluntárias, um universo de emoções que se desdobram e que quando adoecidas refletem no sucesso de todas as relações ao longo da vida. A construção desse eu, indivíduo autônomo está vinculada à capacidade que cada filha carrega de não desistir de sua própria mãe.

Em toda a sua complexidade a relação mãe e filha, permeada por queixas, dúvidas e desejos de reparação, compõe uma das bases de sustentação de nossa sociedade que insiste em se dizer patriarcal. Até reconhecermos de fato a importância de harmonizar esta relação ainda há um longo caminho. De certo que não abster-se de levantar a questão e mais que isso, abordá-la com responsabilidade constitui por si já um grande passo dentro dos temas concernentes ao feminino e todos os vieses nele contidos.



UFAM

10. Referências

CAMPELO, L. G. **Relacionamento entre mãe e filha**. Monografia. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2010.

CHODOROW, N. **Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 2002.

DORNELAS, K. C. A; GARCIA, A. **O relacionamento entre mãe e filha adulta: um estudo descritivo**. Universidade Federal do Espírito Santo. *Interação em Psicologia*, 10(2), p. 333-344, 2006.

FREUD, S. **A sexualidade feminina**. ESB, Vol. XXI, p. 275; PUF, p. 151; SE, Vol. XXI, p. 239, 1931.

FREUD, S. **A feminilidade**. ESB, Vol. XXII, p. 147; AE, Vol. XXII, p.111; Gallimard, p. 157; SE, Vol. XXII, p. 119, 1932.

GUIMARÃES, I. M. C. **A relação mãe e filha e os impasses no caminho da feminilidade**. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2013.

JENSEN, K. A. **Uneasy Possessions: The Mother-Daughter Dilemma in French Women's Writings**. Newark: University of Delaware Press, 2011. 450 pp.

LEFKOWITZ, E. S. & FINGERMAN, K. L. **Positive and negative emotional feelings and behaviors in mother-daughter ties in late life**. *Journal of Family Psychology*, 17 (4), 607-617, 2003.

MEZÊNCIO, M. S. **Metodologia e Pesquisa em Psicanálise: uma questão**. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 10, p. 104-113, 2004.

MOTTRAM, S. A. **Aging mother – adult daughter relationship solidarity, conflict, ambivalence, typology and variations in time**. A thesis submitted to the graduate school of Social sciences of middle East Technical University, 2003. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.468.2642&rep=rep1&type=pdf>



MOTTRAM, S. A. & HORTAÇSU, N. **Adult daughter aging mother relationship over the life cycle: the Turkish case.** Journal of Aging Studies, 19, 471-488, 2005.

NESI, B. G.. **A relação mãe e filha: o papel que a mãe exerce na construção de identidade da filha.** Trabalho de conclusão de curso, Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2010.

ONAYLI, S.; BAKER, O. E. **Mother-daughter Relationship and daughter's self esteem.** Procedia - Social and Behavioral Sciences 84 (2013) 327 – 331

PINTO, E. B. **A pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica.** Psicologia USP (Impresso), São Paulo, v. 15, n. 1, p. 71-82, 2005.

SILVA, M. J.; PINHEIRO, M. A.; CARDOSO, L. **Valentia e feminilidade na relação mãe e filha: Impasses inerentes da constituição feminina.** Disponível em: <http://humanae.esuda.com.br/index.php/humanae/article/view/73>

REIS, L. P. C.; RABINOVICH, E. P. **O Fantasma da repetição a relação mãe / filha.** Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano. 2006; 16(3):39-52.

SMITH, V. H. **A casa dos espelhos quebrados: faltas e excessos na vincularidade mãe-filha.** Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre, n. 13, jan./dez. 2012.

VALDANHA, É. D.; SANTOS, M. A. dos. **Configuração dos vínculos mãe-filha em três gerações da família de uma jovem com anorexia nervosa.** Revista SPAGESP vol.15 no.2 Ribeirão Preto dez. 2014

YOO, G. **Attachment relationships between Korean young adult daughters and their mothers.** Journal of Comparative Families Studies, 35 (1), 21-32, 2004.

ZALCBERG, M. **A relação mãe e filha.** Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2003.

